

Equipa de Pertença de Lisboa

Processo TXINTXA (Origens do Cristianismo)

1. Fomos sensíveis a vários aspectos, novos para algumas: a diversidade como essência das origens cristãs; a presença e protagonismo das mulheres nas comunidades cristãs no início; o facto de *Ekklesia* remeter para igreja no sentido civil e político mais que espiritual sendo que o que nos sugere o texto é uma Igreja “doméstica” dirigida por mulheres como espaço de partilha da Fé e estímulo mútuo a uma vivência segundo o Espírito.

2. Os principais aspectos que achamos relevantes para o Graal são: a diversidade enquanto matriz da nossa identidade cristã a ser vista como um desafio cada vez mais actual dado o carácter multicultural do Graal e o reflexo que isso tem na vivência da Fé; o reconhecimento do Graal, desde a sua origem, como movimento ecuménico; a partilha entre todas no respeito pelas diferenças e na procura conjunta da relação da Fé com a Vida; a relevância do papel das mulheres como líderes e sustentáculo da comunidade, bem como a importância da “casa como lugar público”; a intervenção do Graal como alternativa de igreja nas margens da Igreja; a riqueza que o Graal tem passa ainda pela ida às raízes e, simultaneamente, buscar nesse encontro a ética religiosa.

3. A diversidade do cristianismo nos primeiros anos é um princípio simplificador que nos permite reconhecer e reconciliar com a riqueza que é o Graal, também diverso e plural, construído entre tensões e procura de consensos.

Recordamos os diferentes modelos de espiritualidade que enformam as culturas das mulheres do Graal em todo o mundo. Reconhecemos a dificuldade em interpretar as expressões da espiritualidade e os diferentes percursos que divergem de comunidade Graal para comunidade Graal, de mulher para mulher. Vemo-los com os nossos “olhos”, partindo de padrões que são os nossos e a nossa visão é sempre enviesada.

É a busca espiritual aquilo que nos une no Graal. Se a busca for enraizada, seja em que tradição religiosa for, a dimensão espiritual converte-se numa presença de cada uma ao mundo, em todas as suas dimensões (política, social...), e às outras e aos outros. Aí, no empenho pelo bem comum, reconhecemo-nos, independentemente das culturas e das tradições religiosas. Consequentemente, concebemos que o Graal é um movimento de identificação no Espírito de mulheres que podem ser cristãs (de qualquer confissão), muçulmanas, budistas...Entendemos Deus como cerne de tudo sempre em movimento para além de nós ou de qualquer coisa que possamos dizer.

O desafio, hoje e para o futuro, é o de aprofundar e cultivar a diversidade no Graal. Esse pode ser um verdadeiro acto de fé, muito significativo no mundo em que vivemos e que queremos construir.